

ESPECTRO DA TRAIÇÃO EM A MULHER SEM PECADO,

DE NELSON RODRIGUES

Claudiomar Pedro da Silva (UNEMAT/SEDUC-MT)¹

Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)²

Resumo: No presente artigo proponho uma análise do espectro da traição no texto cênico *A mulher sem pecado* (1941), de Nelson Rodrigues. Na peça, o protagonista Olegário atua sob pressão e suas ações são encadeadas pelo ciúme e pela desconfiança obsessiva quanto a fidelidade de Lídia. A traição é um tema recorrente na produção de Nelson Rodrigues, que utiliza a figura da adúltera como um arquétipo para representar a condição humana. A atmosfera de corrupção presente no âmbito familiar envolve Lídia, sua transgressão representa a tentativa de realização do desejo humano, o rompimento do casamento opressor e a liberdade para a realização de suas fantasias eróticas não obtidas na relação conjugal.

Palavras-chave: Traição. Obsessão. *A mulher sem pecado*. Nelson Rodrigues.

*em cada família, há trevas
que convém não provocar.*
Nelson Rodrigues

A produção cênica de Nelson Rodrigues é constituída de dezessete peças que compõem um repertório polêmico e inovador: histórias, temas, personagens, língua, cena. Uma verdadeira revolução em nossa dramaturgia que apresenta cena dinâmica, dividida em diferentes planos, com tempos paralelos e repetições e, por isso, chegou a ser reconhecido por muitos críticos como o mais imponente dramaturgo nacional. Acerca do caráter inovador de sua produção cênica Sábato Magaldi afirma que “É preciso conhecer a realidade teatral brasileira de inícios da década de quarenta para avaliar a força inovadora representada por Nelson Rodrigues”. (MAGALDI, 2010, p. 5).

Nelson procura se aproximar do público ao tratar de temas que causam uma sensação de estranheza. O conflito é pensado sob a ótica de romper com o cotidiano subsidiado pelos polêmicos assuntos envolvendo relacionamentos familiares repletos de cenas de ciúmes, traições, sexualidade e morte. Outro aspecto que merece destaque é a

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/PPGEL e Professor da rede estadual de ensino de Mato Grosso – SEDUC-MT. E-mail: claudiomarp@hotmail.com

² Professor orientador da pesquisa – UNEMAT/PPGEL



caracterização das personagens e suas ações, que em consonância com suas circunstâncias são bons ou são maus, dependendo de seus interesses próprios. A produção inovadora de Nelson Rodrigues renova a estrutura teatral e indica novos caminhos à moderna dramaturgia brasileira, capaz de apresentar em cena uma determinada concepção do indivíduo moderno em relação à vida humana, confirmando a premissa de Barthes que “o teatro é um ato total. (BARTHES, 2007, p. 43).

Neste artigo, proponho uma análise investigativa acerca da temática da traição na peça inaugural de Nelson Rodrigues *A mulher sem pecado*. Escrita em 1941, foi ao palco pela primeira vez em 9 de dezembro de 1942, no Teatro Carlos Gomes do Rio de Janeiro. O drama em três atos apresenta Olegário, empresário bem sucedido, casado com uma bela mulher, mas que tem relacionamentos extraconjugais para realizar os desejos que o limite de esposa não permite. Passa-se por paraplégico, fica sete meses em uma cadeira de rodas com a finalidade direta de testar a fidelidade de Lídia. O desequilíbrio do marido aumenta gradativamente na trama, assim como o ciúme da linda esposa, que tem origem humilde, elemento que a põe em situação de inferioridade.

A figura da traição é o fio condutor da análise e o dramaturgo já ironiza no título da peça, uma vez que há uma contradição entre os termos “mulher” e “pecado”, que interpretados e referenciados nos padrões morais da década de 1940, vê-se que não há mulher sem pecado na peça. Lídia sente-se envolvida na atmosfera de corrupção que está inserida no âmbito familiar. Ela representa a mulher oprimida que deseja a liberdade passional, cansada de sentir-se abandonada e perseguida pelo esposo por doentia suspeita, o que torna o cotidiano familiar um caos sem limite a ponto de desejar frequentemente a morte de Olegário. O desejo de liberdade do círculo opressor do casamento é materializado pela fuga com o motorista Umberto, o homem mais ousado do entorno do convívio familiar. Partir com o motorista representa a liberdade das trevas que o matrimônio opressor simbolizava.

A figura da adúltera na obra de Nelson Rodrigues representa mais do que a traição banal. É uma representação da condição humana. A peça apresenta a recusa do cotidiano que a liberta da frustração feminina e abre espaço para o domínio da fantasia erótica. O espectro da traição, representado pelo pecado moral surge da vontade de realizar o rompimento de uma condição passiva das amarras de seu casamento.



A trama é linear e apresenta cenário único com “[...] *um fundo de cortinas cinzentas. Uma escada. Mobiliário escasso e sóbrio*” (RODRIGUES, 1981, p. 45, grifo do autor). O conflito dramatizado na peça entre Olegário, que representa as atitudes obsessivas e Lídia, que representa a passividade da esposa diante das perseguições do marido é o elemento que conduz a trama, as demais personagens vivem a serviço das obsessões de Olegário.

As personagens sustentam a ficção dramática ao vivenciarem as ações da trama e produzir os conflitos. Denominadamente são seus diálogos e atitudes que contribuem para a composição teatral, sendo elemento determinante da ação, uma vez que “quem conduz a ação, produz o conflito, exercita a sua vontade, mostra os seus sentimentos, sofre por suas paixões, torna-se ridículo na comédia, patético na tragédia, ri, chora, vence ou morre, é a personagem.” (PALLOTTINI, 2015, p. 24).

Em *A mulher sem pecado*, Nelson Rodrigues caracteriza as personagens apenas com o que subsidia o todo dramático “Assim, importa de cada uma apenas a faceta que acrescentará um dado novo à ação, fundamentando-a, sem sobrecarrega-la.” (MAGALDI, 2004, p. 14). Alguns contribuem com ações decisivas na trama. Inézia, que é uma das empregadas da casa, exerce uma função de investigadora de Olegário, informando os passos de Lídia. Maurício, o irmão de criação de Lídia dialoga com Olegário em sua definição acerca do que é a fidelidade. As ações de Umberto, o motorista da família, na trama são carregadas de mistérios e incertezas, no início da peça é também um investigador de Olegário, mas acaba conquistando Lídia. Há também na peça a personagem Menina que representa Lídia quando pequena e Dona Aninha, mãe de Olegário que se encontra a enrolar um paninho constantemente. Ainda figuram na peça outros personagens que contribuem com pequenas ações.

A transgressão é uma marca que Lídia carrega, pois tenta a todo momento ultrapassar os limites impostos pelas leis humanas e romper com as normas estabelecidas, tanto as normas sociais quanto as ditadas pelo marido opressor. Ela precisa de algo que a liberte, várias vezes reclama da não realização com o seu casamento e insatisfação sexual:

LÍDIA (*com amargura*) – Gostava, sim! Como não havia de gostar?
(*com raiva*) Quando me lembro que você - quantas vezes depois de um



beijo, de uma carícia... (*Olegário afasta-se com a cadeira*) vinha me falar de seus negócios! Essa mania de ganhar dinheiro!

[...]

LÍDIA (*excitada*) – Feliz, eu! (*afirmativa*) Nunca fui, meu filho! (*com ironia e noutro tom*) Como eu poderia ser feliz abandonada? Abandonada, sim, por um marido que chegava em casa às 2, 3 horas da manhã!”

[...]

LÍDIA - As minhas amigas me contam coisas... E eu fico espantada, espantadíssima... Nem abro a minha boca, porque não convém... Eu sou uma esposa que não sabe nada, ou quase... No colégio interno, aprendi muito mais que no casamento. Parece incrível!

(RODRIGUES, 1981 p. 69-70, grifo do autor).

Para Olegário há uma diferença bem demarcada entre amante e esposa, amantes são para as aventuras das mais diferentes ordens ou gostos e a esposa é para fins de reprodução humana. “OLEGÁRIO – Você era esposa, e não amante! E eu não podia, compreendeu? Para a esposa, existe um limite!” (RODRIGUES, 1981, p. 70).

Outro aspecto fundante está diretamente ligado às relações humanas, num primeiro momento Lídia estabelece um conflito consigo mesma, suas faltas e seus excessos, em seguida nas relações com o outro, com Olegário que a oprime e não lhe propicia a condição de mulher amada e realiza. O autor deixa pista de que ela chega a desejar a morte do marido, mesmo que indiretamente em conversa com Dona Aninha “[...] Mas não passa um dia que eu não deseje a morte de teu filho! (*sonhando*) Olegário morto... Sem sapatos e com meias pretas, morto... De smoking e morto!” (RODRIGUES, 1981, p. 100, grifo do autor).

O protagonista Olegário é um homem da classe média da sociedade carioca, casado, de meia-idade e “paralítico”. O ciúme que sente da esposa o leva a passar a trama toda perseguido pelo fantasma da traição, porém ele quer confirmar a existência de uma esposa fiel, a sua. Para ostentar a posse da mulher honesta, além de linda e dedicada ao marido. A suspeita que sente de Lídia o leva a perseguir os seus passos, chegando a ofendê-la e em outros momentos colocando coisas em sua cabeça.

OLEGÁRIO – Você olha pra mim com um olhar de mártir! Pois bem. Agora mesmo, neste minuto, você pode estar-se lembrando de um amigo, de um conhecido ou desconhecido. Até de um transeunte. Pode



estar desejando uma aventura na vida. A vida da mulher honesta é tão vazia! E eu sei disso! Sei!

[...]

OLEGÁRIO – O que quero dizer é simples até demais. Eu admito que você não fez nada. Que não pecou... ainda.

LÍDIA (*irônica*) – Ainda? Que mais?

OLEGÁRIO (*noutro tom*) – Admitamos que não houve nada – até agora. Mas... e a sua imaginação?

LÍDIA (*espantada*) – O que é que você quer dizer com isso?

OLEGÁRIO – Quero dizer o seguinte: seus atos podem ser puríssimos. Mas seu pensamento nem sempre – seu pensamento, seu sonho. Quem é que vai moralizar o pensamento? O sonho? Você, talvez!

OLEGÁRIO – Se um homem é assim – qualquer homem – por que será diferente a mulher? Se eu posso vibrar com uma bela mulher, por que não vibrará você com um belo homem? Mesmo que esse homem seja um transeunte?

[...]

OLEGÁRIO – Esses rapazes de praia que as mulheres veem na rua. Você vai-me convencer que nunca viu um que a impressionasse? Vai? Um rapaz moreno, forte, de costas grandes, assim. (*faz respectivamente o gesto*) Você nunca beijou em pensamento um homem desses? Hem? Beijou, claro! Não tem ninguém – ninguém – tomando conta de sua imaginação.

(RODRIGUES, 1981, p. 55-57, grifo do autor).

O espectro da traição acompanha Olegário desde o início da peça, inicialmente com suspeitas, pois para ele os antecedentes de Lídia a marcam como uma esposa não confiável, mas Lídia não oferece explicitamente risco ao marido, ainda. Por outro lado, a sua obsessão ganha ares de loucura, visto que para ele nenhuma mulher é fiel. O medo de ser reconhecido como homem traído pela esposa e de se expor é uma criação social que atinge diretamente o protagonista em defesa de sua honra e virilidade. No início do segundo ato ao inventar a história do amante com as pernas esmagadas, o faz com o intuito de Lídia confessar algo,

OLEGÁRIO (*berrando*) – Foi! Foi seu amante! Ficou com as duas pernas esmagadas!

(*Lídia recua, de frente para Olegário, em direção da escada*)

Lídia – Não! Não! Eu não tenho amante! Nunca tive amante!

(*Olegário a acompanha, na cadeira de rodas*)

OLEGÁRIO (*num grito estrangulado*) – Me enganando... Me traindo...

LÍDIA (*com expressão de terror*) – Eu vou-me embora. Não fico mais aqui!

OLEGÁRIO (*impulsionando a cadeira, enquanto Lídia recua*) – Vai embora, para onde? (*como que caindo em si*) Lídia! Venha cá, Lídia!

LÍDIA (*no segundo degrau, de frente para Olegário, obstinada*) – Eu vou-me embora!

OLEGÁRIO (*encostando a cadeira na escada, em pânico*) – Não, Lídia! Desça! Eu menti! Desça!

(RODRIGUES, 1981, p. 67, grifo do autor).

A maneira que Olegário controla a esposa expõe uma certa superioridade masculina, contudo sua condição o faz sentir inferior a Lídia e constantemente testa a fidelidade da esposa, mas não consegue lograr êxito com a situação de mentira. Essas atitudes de suspeita fazem com que Lídia nutra o desejo de ser amada, tratada como esposa. É pertinente ressaltar que mesmo dando ouvido ao seu inconsciente e ao que os outros falam de Lídia, no trabalho por exemplo, o protagonista não aceita que ninguém suspeite de sua esposa, somente ele “OLEGÁRIO (*sombrio, voltando-se para Joel*) – Agora uma coisa, Joel. Eu quero avisar a você o seguinte: tudo o que dizem de minha mulher é uma infâmia. Minha mulher é honestíssima – está ouvindo?” (RODRIGUES, 1981, p. 62, grifo do autor).

O discurso machista e as ações do protagonista abrem lacunas para que outros possam vir a saciar os desejos de Lídia. Nelson Rodrigues aborda temas que problematizam as relações familiares, pondo em xeque os tabus e preconceitos da sociedade ao desvelar o subconsciente das personagens em tempos e espaços distintos. Nessa perspectiva, Olegário enaltece o gosto do dramaturgo por paradoxos, pois ao se convencer que a esposa lhe é fiel, Lídia decide trair e fugir.

OLEGÁRIO – Farsa, simulação... Um médico, bêbado, irresponsável, que me devia dinheiro, disse a todo mundo – inclusive à minha mulher – que eu era um caso perdido... Que não ficaria bom nunca... Compreendeu?

MAURÍCIO – Mas por quê? Para quê?

OLEGÁRIO – Foi uma experiência... Uma experiência que eu fiz com Lídia... Precisava saber, ter uma certeza absoluta, mortal... Agora sei, agora tenho a certeza... Há, no mundo, uma mulher fiel... É a minha... E perdão, Maurício... Chama a tua mãe... Ela me perdoe também... Vou-

me ajoelhar diante de Lída... (*exaltado*) Milhões de homens são traídos... Poucos maridos podem dizer: “minha mulher” ... eu posso dizer – minha! (*riso soluçante*) Minha mulher (*corta o riso, senta-se na cadeira*) (*grita*) Lída! Lída!

(RODRIGUES, 1981, p. 103, grifo do autor).

Depois que Olegário chega ao fim de sua investigação e confirma que a esposa lhe é fiel, ele põe fim a farsa e vai à procura de Lída, porém já não a encontra. Inézia lhe entrega um uma carta, imediatamente ele começa a ler “Olegário! Parto com Umberto. Nunca mais voltarei. Não quero seu perdão. Adeus. Lída.” (RODRIGUES, 1981, p. 103). O protagonista fixa o olhar na carta e reflete sobre suas ações que o levam à ruína que culminou na traição da mulher e na última indicação cênica “(*Olegário aproxima-se de D. Aninha. Esta continua, na sua atitude, enrolando o eterno paninho. Olegário encosta o revólver na frente.*)” (RODRIGUES, 1981, p. 103, grifo do autor). Nelson nos dá uma pista do fim trágico da peça, com o possível suicídio do marido traído. “A rubrica final determina que Olegário encoste o revólver na frente. Presumivelmente, vai suicidar-se.” (FRAGA, 1998, p. 51). A obsessão de Olegário em comprovar a fidelidade da esposa não deixa de ser uma forma de loucura. Olegário poderia conviver bem com a esposa, porém o fantasma da traição o levou a atitudes que oprimiu Lída e ele a perdeu.

O ciúme é uma das emoções que constitui a natureza humana, todos somos ciumentos em maior ou em menor grau. Segundo Rosset (2004) o ciúme pode surgir quando um dos parceiros não está conectado com o outro como o outro o imaginara e é exposto quando o relacionamento é ameaçado, devido a interferência de um rival. No caso de Olegário o ciúme surge como uma obsessão, para a confirmação da pureza e lealdade de Lída e com medo de ser trocado por outro.

O autor estrutura a peça *A Mulher Sem Pecado* em torno da temática da traição à medida em que a peça vai evoluindo a sucessão de cenas nos induz a compreender que ele apresenta a traição como suspeita no início da peça com o comportamento das personagens e suas descrições nas indicações cênicas. Bem como o relacionamento conjugal de Olegário e Lída, que vive em constante tensão provocada pelo ciúme. O ciúme obsessivo contribui para os traços de sua obsessão, passando a perseguir sua esposa, pois teme a possibilidade de traição. A partir das ações que desencadeiam a traição de Lída como fato consumado há uma mudança nas atitudes comportamentais da



personagem. De esposa submissa para uma mulher que reage às ações do marido, rompendo a obsessão de posse do esposo.

A traição de Lídia representa a tentativa de realização do desejo desorganizado do ser humano, o rompimento do casamento opressor e a liberdade para a realização das fantasias eróticas não obtidas na relação conjugal. Nelson finaliza a peça tragicamente com a punição do marido traído, uma vez que perde a esposa para um empregado e por ter implantado pensamentos pecaminosos na mente de Lídia.

Referências

BARTHES, Roland. *Escritos sobre teatro*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRAGA, Eudinyr. *Nelson Rodrigues expressionista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

MAGALDI, Sábato. *Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues*. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: a construção da personagem*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo I: peças psicológicas*. Organização geral e prefácio de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROSSET, Solange Maria. *O casal nosso de cada dia*. Curitiba: Sol, 2004.